

# humanitas

Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



ele, ao primo, Antifão, moderado e obediente. A peça apresenta ainda uma galeria de personagens secundárias onde se pode notar também marcas das figuras de Terêncio, nomeadamente na suavização de certos caracteres que poderiam aparecer menos simpáticos ao público; tal acontece com Nausístrata, a terrível e temível mulher de Cremes, que afinal até possui um bom coração e acaba por perdoar os devaneios de juventude do marido, ou com o alcoviteiro Dorião que, embora calculista e insensível, não chega a ser repulsivo.

A tradução mantém o estilo ligeiro que caracteriza as comédias de Terêncio, atualizado com as didascálias e a divisão em actos que o texto latino não possuía, e apresenta algumas notas de carácter elucidativo quando se torna necessário esclarecer algum pormenor que pudesse dificultar a compreensão do leitor. Noutros casos, as notas destinam-se (como é habitual nas traduções dos textos clássicos) a dar conta do afastamento em relação à versão latina proposta pela edição de base, previamente indicada: a de KAUER, R.-LINDSAY, W.M., Oxford, Clarendon Press, 1926; suppl. SKUTSCH, O., 1958 (1961).

A bibliografia é também ela breve e refere apenas edições e estudos considerados de maior interesse, remetendo o tradutor, em nota, para a indicação de onde encontrar um repertório completo de estudos sobre a obra de Terêncio.

Assim, encontramos-nos na presença de mais uma obra que serve o objectivo expresso na apresentação da Coleção em que se insere de “dar ao público de língua portuguesa, em traduções cuidadas e no máximo fiéis, as obras dos autores gregos e latinos que, sobrepondo-se aos condicionalismos do tempo e, quantas vezes, aos acasos da transmissão, chegaram até nós.”

*Ana Elias Pinheiro*

TEOFRASTO, *Os caracteres* (introdução, tradução e notas de Maria de Fátima Silva), Relógio D'Água Editores, Lisboa 1999, 113 pp.

A perenidade dos Estudos Clássicos, pelos conteúdos intemporais que informam o pensamento dos Autores da Grécia e Roma antigas, mantém acesa uma chama de interesse evidente entre o público contemporâneo. Os meios de comunicação mais modernos, como a televisão e o cinema, aproveitam essa herança cultural, produzindo trabalhos inspirados em obras de legado helénico-romano, em áreas que visam um público diversificado, tanto do ponto de vista etário como sócio-cultural. A título de exemplo, basta recordar algumas das mais conhecidas e recentes produções internacionais dentro do género: o *Hércules* dos Estúdios de Animação da Disney, realizado para o grande ecrã, a *Odisseia*, apresentada aos telespectadores portugueses do canal 1 da RTP numa série de dois episódios e um número vasto de programas de divulgação inseridos na rubrica *O lugar da história* (dedicados, entre outros, a

temas como as descobertas de Heinrich Schliemann e a Batalha de Salamina). Todas estas considerações prendem-se com o livro que me cabe agora noticiar pela existência entre eles de um denominador comum – a divulgação a um público não especialista – o que é, quanto a mim, um meio eficaz de dar a conhecer a um destinatário cada vez mais expandido a base da nossa cultura ocidental. Julgo, por isso, merecedoras de um apreço especial publicações que, como é o caso, a esse intuito de divulgação aliam “traduções de confiança e cuidadas, feitas directamente do original” (José Ribeiro Ferreira, p. 3).

A autora do presente opúsculo, Maria de Fátima Silva, conta já no seu *curriculum* de tradutora com uma vasta galeria de títulos de obras gregas, onde primam sobretudo comédias (de Aristófanes e Menandro), mas a que se têm juntado textos de outros géneros literários, como a prosa (partes dos livros I e III de Heródoto) e o romance (*Quéreas e Calíroa* de Cáriton). Nos *Caracteres* a A. continua a brindar o leitor com o rigor e a fluência de linguagem a que nos habituou, sem nunca esquecer o tom coloquial que subjaz a textos de um humor ostensivo (como são a comédia e a obra agora em questão). Posto de parte o ensejo de compilar a totalidade das soluções argutas encontradas pela A. para verter expressões idiomáticas gregas pelos seus correspondentes em português, descoberta de que não quero privar o público apreciador, limito-me a três exemplos desse recurso: τοῦ πατρὸς νεώττιον (trad. literal: “de um bom pai bons filhotes”, n. 10, p. 84) = “*Quem sai aos seus não degenera*” (p. 52); σύκου ὁμοιώτερα εἶναι τῷ πατρὶ (trad. literal: “que se parecem com o pai como dois figos”, n. 28, p. 87) = “*que se parecem com o pai*” (p. 55); τὸ ὅμοιον πρὸς τὸ ὅμοιον πορεύεσθαι (trad. literal: “cada um se junta aos seus iguais”, n. 176, p. 109) = “*Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és*” (p. 79).

Tendo em vista uma melhor compreensão do contexto histórico, cultural e literário em que nasceu a obra, composta por trinta retratos de tipos humanos, Maria de Fátima Silva faz preceder a tradução de um estudo introdutório, que, sem deixar de ser sucinto, conforme exigência de uma publicação desta natureza, contempla uma análise clara e bem documentada das principais questões levantadas sobre o autor e o texto. Sob o título de “Teofrasto, o homem e a sua actividade” (pp. 9-40), a introdução foca a relação discípulo-mestre do autor dos *Caracteres* com o conhecido filósofo Aristóteles, a quem sucederia no magistério do Liceu. Naturalmente que, ao reflectir sobre a natureza da obra impõe-se a aproximação dos tratados de ética e retórica do Estagirita, para concluir-se que a dívida para com o mentor deve ser equacionada num âmbito genérico, o mesmo sucedendo relativamente ao drama cómico. Nada melhor do que o balanço feito pela A. no final da introdução para compreendermos a singularidade e o fascínio do texto de Teofrasto: “Reavaliados nas diversas perspectivas, tendentes a definir afinidades de natureza e sentido com géneros já estabelecidos – o tratado ético, o compêndio de retórica ou a comédia – os *Caracteres* denunciam com todos eles parentescos inegáveis. Mas, por outro lado, a sobreposição clara é impossível com qualquer dos modelos, pelo que resta aceitar a originalidade do opúsculo de Teofrasto. (...) Mas pelo seu carácter espontâneo e risonho, com todos os atractivos para cativar um auditório e sem a carga teórica

de um trabalho técnico, talvez os *Caracteres* dêem a imagem pessoal do seu autor, a que subjaz o homem de escola e o orador atraente, mas que neste caso simplesmente espelha o humor, quase caricatural, sobre as suas tarefas rotineiras, perante um círculo de amigos ou de alunos mais próximos” (pp. 39-40). Sem podermos isolar os tipos retratados por Teofrasto do contexto histórico da época, a Atenas cosmopolita do séc. IV sob o domínio da ocupação macedónia, deparamos com paradigmas do ridículo social, facilmente espelhados nas sociedades de todos os tempos: o dissimulado, o bajulador, o tagarela, o parolo e o complacente (só para enunciar as cinco primeiras caricaturas).

Do ponto de vista das opções “gráficas” e dos critérios de citação de bibliografia há sempre divergências, algumas das quais, por julgar que simplificariam a tarefa do leitor e até mesmo da A., me atrevo a apontar. Considero, por exemplo, que transferir a indicação da bibliografia da sua habitual posição, a encerrar o livro, para imediatamente a seguir à Introdução acaba por revelar-se contraproducente, pois leva a A. a repetir nas notas à tradução títulos que figuravam na bibliografia geral (cf. n. 25, 29 e 98 as edições de Jebb e Sandys, de Lilaro e de Rusten, Cunnigham e Knox, respectivamente; n. 126 e 152 o vol. I dos *Estudos de História da Cultura Clássica* de M. H. Rocha Pereira). Possivelmente por lapso, encontram-se citadas algumas monografias sem indicação do local e data de edição (n. 6, p. 41; n. 23, p. 42; n. 17, p. 86; n. 100, p. 98). Tendo em conta ser o público-destinatário, visado por esta publicação, lusófono, parecer-me-ia mais apropriado indicar, quando há, traduções portuguesas de livros indicados na bibliografia. Esse é o caso da *Greek Religion* de W. Burkert (n. 99 e 163), de que a Fundação Calouste Gulbenkian publicou a tradução. Atendendo ainda ao mesmo critério do perfil do leitor-alvo, julgo que escaparam algumas citações em grego sem tradução portuguesa, o que poderá dificultar a compreensão (vd. pp. 11, 12; n. 3, p. 83; n. 118, p. 100), e que o esclarecimento do significado de termos como *demos*, liturgo e liturgia devia ter sido apresentado em nota aquando das suas primeiras ocorrências (p. 31 e 33) e não posteriormente (n. 65, p. 93). Falhas completamente alheias à A. são a falta de texto da tradução na p. 61, a ausência da capa ou de qualquer outra parte do número a que corresponde este livro na colecção que inicia, “Humanitas – Autores Gregos e Latinos”, bem como a não identificação da proveniência de um busto de Teofrasto exibido na contra-capas. Aproveito, contudo, para louvar o bom gosto revelado na escolha de uma pintura de um retrato feminino da *Villa Boscoreale* para ilustrar a capa, contrariando, deste modo, uma certa tendência para a monocromia e a pobreza iconográfica, o que, subrepticamente desincentiva ou pelo menos não desperta o destinatário real da obra, o comprador.

Em suma, com a publicação dos *Caracteres*, onde o rigor e o saber da tradutora e estudiosa proporcionam uma obra útil tanto a especialistas como ao público em geral, o panorama editorial português enriquece-se em conteúdo e a comunidade científica dos Estudos Clássicos oferece ao “exterior” a partilha de um património cultural, vedado a muitos por aquilo que frequentemente pode constituir-se como um obstáculo cultural: a própria língua.

Carmen Soares